

O QUE HÁ NUM NOME, DE TATIANA PEQUENO, IDA ALVES E MÔNICA FIGUEIREDO

**O QUE HÁ NUM NOME, BY
TATIANA PEQUENO, IDA ALVES E
MÔNICA FIGUEIREDO**

Horácio Ribeiro Pires Peixoto¹



Em *O que há num nome* (2024), Tatiana Pequeno, Ida Alves e Mônica Figueiredo entregam uma delicada homenagem à poeta portuguesa Ana Luísa Amaral, (1956–2022). A obra, composta por ensaios dialogais e reflexões intertextuais, propõe leituras que atravessam os nomes — próprios, literários e simbólicos —, delineando uma cartografia de vozes, memórias e afetos. Desde os primeiros parágrafos, percebe-se que não se trata apenas de uma análise literária: os gestos de escrita assumem também o peso de um tributo emocional. O livro traduz, além do afeto e da reverência, uma reflexão coletiva sobre o papel que o nome — tanto poético quanto pessoal — desempenha na construção/constituição do eu e na dinâmica entre o íntimo e o social. Ele é, ao mesmo tempo, homenagem e testemunho, movendo-se entre memórias de convivência com Ana Luísa Amaral e análises fundamentadas em sua obra poética e ensaística.

O ponto de partida é a experiência do nome e do nomear. Para Amaral, o nome não é um mero rótulo identificatório, mas um ponto de encontro entre a alteridade e o íntimo. Essa perspectiva é arrolada pelas autoras como um fio condutor teórico que tangencia passagens da poesia amarialiana — especialmente nos poemas de **Por um sorriso, por um ladrão**

(2008) e **Eu de espada lida** (2013) — em que o nome surge como confluência de discurso e poder. Daí decorre o subtítulo tácito da homenagem que se pode depreender da ambiência do que não fora dito: nomear é conferido como ato poético-político, que encontra ecos na poética de Amaral.

É possível depreender da estrutura dos capítulos em três grandes eixos temáticos: (1) “O nome e o sujeito poético”, (2) “A assinatura e o gesto literário” e (3) “O nome e a intermitência do tempo”. No primeiro, elas interrogam como Amaral mobiliza o pronome pessoal, o quanto o sujeito (*eu*) poético se justapõe a fragmentos de narrativas cotidianas, à ironia e ao humor, construindo uma voz híbrida que dialoga tanto com as tradições clássicas lusitanas (Camões, Pessoa) quanto com pulsões modernas e femininas. A certeza desenhada por Amaral — de que a fala lírica pode ser compressão histórica e volta ao singular — ganha aquiescência no texto das autoras, que demonstram sensibilidade interpretativa ao iluminar versos em que o nome se volta contra si mesmo, escapando do controle do sujeito: “Ana”, por exemplo, torna-se nome e cifra, presença ausente e potência evocativa.

No segundo eixo, “A assinatura e o gesto literário”, há uma reflexão sobre marcadores de autoria e colaboração. O título do livro revê a oposição binária entre autor/autoria única e rede poético-afetiva: o que poderia importunar aqui é o gesto coletivo, delineado não só pelo ato de homenagear, mas pelo entrelaçamento de vozes femininas (todas traduzindo, interpretando e complementando os interstícios da obra amarialiana). O texto ressalta como Amaral encarava traduções como “outra escrita” e não como substituição — em particular, as suas releituras de poesia espanhola e inglesa são mencionadas aqui como práticas de reinvenção. Assim, as três autoras, Tatiana Pequeno, Ida Alves e Mônica Figueiredo, engajam-se num mesmo gesto: elas esmiúçam, traduzem e se colocam em diálogo com a autora homenageada, oferecendo uma assinatura coletiva. A riqueza reside na capacidade de se colocarem em cena como leitoras e intérpretes, sem eclipsar o objeto — o gesto amoroso não se confunde com vaidade crítica.

O terceiro eixo, “O nome e a intermitência do tempo”, recai sobre como Amaral tematiza a historicidade do nome — suas derivações, esquecimento, reaparições e ressonâncias. As autoras citam passagens em que Amaral evoca ancestrais e reminiscências, transferindo a densidade de um nome além da convenção contemporânea. O texto analisa poemas em que a busca por um nome perdido (nome materno, nome sacral, nome de irmã) é sinônimo de busca de pertencimento e também de ruína. Há uma articulação sensível entre mitologia clássica (revisitada sob códigos femininos e pós-coloniais) e inflexões biográficas que conferem um efeito de espelho ambíguo: o “eu” é sempre nomeado, mas fragmentado no tempo.

No plano formal, **O que há num nome** se mostra um livro bem amarrado, cuja linguagem oscila entre o ensaístico reflexivo e a composição poética — sem perder a clareza discursiva. A crítica valoriza, especialmente, o cuidado com o risco literário: os cortes entre citações de poemas, análises

e digressões autobiográficas são fluidos. Os trechos em itálico (em que as autoras pretendem ecoar a voz de Amaral) funcionam tanto como espelhos críticos quanto como contrapontos interpretativos. Essa polifonia controlada evita o academicismo seco, imprimindo leveza mesmo em discussões densas sobre filiação literária e gênero.

Contudo, há também pequenos limiares críticos que merecem atenção. Em certos momentos, o texto assume uma reverência quase canônica à figura de Ana Luísa Amaral, limitando contradições ou ambiguidades mais sórdidas de sua poética — por exemplo, a tensão entre erotismo e recato, entre tradição e modulação feminista. Ainda que o livro reconheça o peso dessas tensões, a crítica poderia impulsionar mais perguntas — em vez de respostas implícitas, mais provocações diretas. Um exame mais desafiador sobre o corpo, o desejo e a subversão de normas heteronormativas na obra de Amaral poderia enriquecer o argumento, equilibrando o afeto com a exigência crítica. Contudo, esta constatação permite que novas e infinitas leituras sejam possíveis. Afinal, as colagens dos capítulos não são fechadas, engessadas e se reconfiguram a cada apreciação/leitura.

Essa impressão pontual, porém, não compromete o mérito do livro. A abordagem das autoras, calcada no nome como ato poético, permite realizações teóricas e práticas inspiradoras. Saindo da leitura, o leitor se sente impelido a revisitar Ana Luísa Amaral: não somente para traçar sátiras ou correspondências, mas para sentir o nome como campo de invenção. A homenagem transcende a cerimônia póstuma, calcando-se na busca por afetos estéticos compartilhados.

No contexto da literatura portuguesa contemporânea, o livro preenche uma lacuna delicada: oferece um ensaio-calígrafo. Ou seja, os traçados textuais se organizam de modo a formar não apenas ideias, mas gestos — gestos de reverência, presença poética e cumplicidade. O leitor em trânsito entre as páginas sente tanto o peso da erudição literária quanto da conversa íntima entre leitoras. Essa tensão, bem administrada, é o maior trunfo do trabalho.

Em suma, **O que há num nome** constitui-se como uma leitura significativa para quem deseja adentrar a poética de Ana Luísa Amaral com afeto e rigor, e para quem tem interesse nas ramificações do nome como dispositivo narrativo, político e existencial. O livro frutifica nos cruzamentos entre identidade, autoria e temporalidade, ressaltando o nome como campo de disputas discursivas — mas também como horizonte de geração coletiva e afetiva. Sua relevância está tanto na restituição de uma proximidade — como se as autoras devolvessem Amaral a um círculo de leitoras íntimas — quanto na incidência crítica, útil, mas não menos potente.

O que há num nome é, de fato, uma obra que inaugura uma forma de ensaio-homenagem, delineada por olhares múltiplos e por uma escuta atenta ao eco de vozes femininas. Para estudiosos da poesia contemporânea e do discurso literário, bem como para leitores afetivos da obra de Ana Luísa

Amaral, esse livro representa uma janela — sensível, incisiva e cuidadosa. A leitura que oferece é uma afirmação de que o nome, carregado de história e sutilezas é, sobretudo, potência: potência de nomear, de permanecer, de reinventar. Portanto, apesar de uma certa intensidade discursiva (falas-leituras-escritas) que revela a proximidade/convivência com a poeta e sua importância (e relevância) — na e para — a literatura portuguesa contemporânea, a proposta entrelaça isso a uma escrita séria e inventiva, e se afirma como leitura recomendável para o público acadêmico, literário e geral.

Por fim, a obra de Pequeno, Alves e Figueiredo alcança seu propósito: mais do que documentar, elas pulsionalizam o nome de Ana Luísa Amaral, e com isso reforçam a ideia de que homenagear é, também, criar novos caminhos de leitura e convivência literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEQUENO, Tatiana; FIGUEIREDO, Mônica; ALVES, Ida. **O que há num nome:** estudos sobre a obra de Ana Luísa Amaral. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2024 – (*Coleção Ensaios*). ePub. ISBN 978-85-7591-794-7. [livro eletrônico]

Recebido para avaliação em 13/07/2025.

Aprovado para publicação em 24/07/2025.

NOTA

1 Doutorando em Estudos de Literatura na área de Literatura Comparada — Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Cognição e Linguagem — Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – Instituto Federal Fluminense Campus Bom Jesus do Itabapoana (IFF).